



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

HELLEN CRISTINA PEREIRA MORAES

**A INFLUÊNCIA DOS DESENHOS ANIMADOS NA
CONSTRUÇÃO DO GÊNERO**

ARIQUEMES - RO
2019

Hellen Cristina Pereira Moraes

**A INFLUÊNCIA DOS DESENHOS ANIMADOS NA
CONSTRUÇÃO DO GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do Grau em Bacharel em
Psicologia apresentado à Faculdade de
Educação e Meio Ambiente – FAEMA..

Orientadora: Prof. Me. Carla Patrícia
Rambo Matheus

ARIQUEMES - RO
2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

M827a	MORAES, Hellen Cristina Pereira.
	A Influência dos Desenhos Animados na Construção do Gênero. / por Hellen Cristina Pereira Moraes. Ariquemes: FAEMA, 2019.
	43 p.
	TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.
	Orientador (a): Prof. Me. Carla Patricia Rambo Matheus.
	1. Desenhos Animados e Infância. 2. Identidade de Gênero Infantil. 3. Mídia Infantil. 4. Desenvolvimento da Infância e Mídia. 5. . I Matheus, Carla Patricia Rambo. II. Título. III. FAEMA.
	CDD:150.

Bibliotecário Responsável

CRB ***/***

Hellen Cristina Pereira Moraes

(<http://lattes.cnpq.br/3800459275064362>)

A INFLUÊNCIA DOS DESENHOS ANIMADOS NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso para a
obtenção do Grau em Bacharel em
Psicologia apresentado à Faculdade de
Educação e Meio Ambiente – FAEMA.

Banca Examinadora

Prof. Orientadora Me. Carla Patricia Rambo Matheus
(<http://lattes.cnpq.br/4834773672725638>)
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof. Me. Eliane Alves Almeida Azevedo
(<http://lattes.cnpq.br/4994015719356247>)
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof. Me. Douglas Pereira do Nascimento
<http://lattes.cnpq.br/9611783758677153>
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

DEDICATÓRIA

A Deus, pela minha existência e por me guiar.
A minha família, por me apoiar sempre e por
tornar todos os meus sonhos possíveis até
aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, pois sem ele nada seria possível.

A minha mãe, que foi e sempre será minha base e minha inspiração para continuar alcançando meus objetivos.

Ao meu pai, que durante este percurso foi um grande incentivador e um dos responsáveis pela concretização desse sonho.

A minha irmã Michelly, pela paciência e pelo apoio de sempre.

Aos meus amigos, tais que sempre me deram força, me incentivaram e estiveram ao meu lado.

A minha Prof^a. Orientadora, Carla Patrícia Rambo Matheus por estar sempre presente nessa jornada, fomentando e me inspirando profissionalmente, e claro por permitir que este trabalho fosse realizado.

Aos professores, que tive a honra de conhecer e conviver ao longo da graduação, com certeza me ajudaram a crescer como pessoa e profissionalmente.

EPÍGRAFE

*A vida, no que tem de melhor,
é um processo que flui,
que se altera e onde nada está fixado.*

CARL ROGERS

RESUMO

Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica realizada através do levantamento de materiais existentes, utilizando-se de estudos escritos em língua portuguesa e publicados entre os anos de 1993 a 2017, extraídos de revistas científicas eletrônicas, livros, monografias dissertações e anais de congressos. O objetivo desta pesquisa é analisar as implicações dos desenhos animados infantis na construção da subjetividade e identificação de gênero de crianças. Para que haja uma compreensão acerca do tema é necessário compreender o que é a infância/criança. O conceito sobre a criança/infância vem sendo construído historicamente, sofrendo influências de cunho social, econômico e político. Nesta fase o sujeito está repleto de influências do meio em que está inserido, podendo citar: família, amigos, escola, igreja, Estado e a mídia. Atualmente é muito recorrente que a mídia dê um enfoque em determinados assuntos a fim de direcionar a atenção do público para determinada temática. Portanto, os desenhos animados são reflexos das formas de se comportar e pensar da sociedade. Ressalta-se que esse meio de comunicação e o tipo de programação que está sendo exibido tem uma grande interferência na formação e desenvolvimento de crianças e adolescentes. Hoje em dia o ato de brincar vem sendo consideravelmente trocado pela utilização das inovações tecnológicas, com enorme enfoque na televisão, internet e nos desenhos animados. Acerca dessa nova forma de entretenimento muito utilizada pelas crianças torna-se relevante investigar quais as consequências dessa exposição relacionada aos desenhos animados, especificamente em relação a construção da identidade, subjetividade e ao gênero infantil.

Palavras-chaves: Desenhos Animados e Infância; Identidade de Gênero Infantil; Mídia Infantil; Desenvolvimento da Infância e Mídia.

ABSTRACT

This study is a bibliographic review conducted through the survey of existing materials, using studies written in Portuguese language and published from 1993 to 2017, extracted from electronic scientific journals, books, dissertations and congress proceedings. The objective of this research is to analyze the implications of children's cartoons in the construction of subjectivity and gender identification of children. In order to have an understanding on the subject it is necessary to understand what is the childhood / child. The concept of the child / childhood has been built historically, suffering social, economic and political influences. At this stage the subject is full of influences from the environment in which he is inserted, and may mention: family, friends, school, church, state and the media. It is very common nowadays for the media to focus on certain issues in order to direct the public's attention to a particular theme. Therefore, cartoons are reflections of society's ways of behaving and thinking. It is noteworthy that this means of communication and the type of programming that is being displayed has a major interference in the formation and development of children and adolescents. Nowadays, the act of playing has been considerably exchanged for the use of technological innovations, with a huge focus on television, internet and cartoons. About this new form of entertainment widely used by children, it is relevant to investigate the consequences of this exposure related to cartoons, specifically in relation to the construction of identity, subjectivity and the child gender.

Key-words: Cartoons and Childhood; Child Gender Identity; Children's media; Child Development and Media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVOS.....	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3. METODOLOGIA	14
4. REVISÃO DE LITERATURA	15
4.1 A INFÂNCIA NO PERCURSO HISTÓRICO	15
4.2 SEXO, GÊNERO E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE INFANTIL	18
4.2.1 CONCEITUANDO E COMPREENDENDO O SEXO	18
4.2.2 GÊNERO.....	19
4.2.3 IDENTIDADE – A IDENTIDADE DE SEXO E A IDENTIDADE DE GÊNERO.....	21
4.2.4 A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE	23
4.3 MÍDIA E DESENHOS INFANTIS: IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO.....	25
4.3.1 MÍDIAS E DESENHOS INFANTIS	25
4.3.2 DESENHOS ANIMADOS E IMPLICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA INFÂNCIA.....	28
4.4 ANÁLISE DE ALGUNS DESENHOS ANIMADOS E SUAS INFLUÊNCIAS..	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS	41
ANEXO A - CURRÍCULO LATTES	42
ANEXO B - RESULTADO DA ANÁLISE DO PLÁGIO.....	44

INTRODUÇÃO

As formas de ver a criança e a infância segundo Silva e Coutinho (2017) sofre mudanças ao longo do processo histórico, sendo construídas de acordo com o tempo histórico, com os aspectos culturais e o contexto de cada sociedade, ou seja, a forma de ver a infância ao longo do contexto histórico sofreu mudanças. Logo, essas crianças da contemporaneidade passaram por um processo de adaptação à vista das modificações, inclusive nos modos de se distrair, em que se pode afirmar que estão mais voltados para o uso de tecnologias e da mídia.

A infância é considerada uma faixa etária ou uma fase da vida, em que se passa por um processo de construção histórico e cultural. Nesta fase o sujeito está repleto de influências do meio em que está inserido, podendo citar grupos como: família, amigos, escola, igreja, Estado e também a mídia. Nesse meio o indivíduo começa a disseminar discurso, atribuir símbolos, determinadas atitudes e significados que conceber seu modo de ser (NETTO; BREI; PEREIRA, 2010). De acordo com Oliveira (2006) a criança é vista como um indivíduo em construção e que no decorrer do tempo se desenvolve biológico e psicologicamente.

Ao abordarmos a infância é necessário compreender todo o contexto e as influências advindas do meio em que a criança está inserida, pensando nisso, Salvador (2014) postula que o meio de comunicação mais presente no cotidiano dos brasileiros é a televisão e o seu uso é tão contínuo que ocupa várias horas da vida destes. Esse meio de comunicação reproduz conteúdo que consideramos como verdades absolutas e que acabam influenciando nos modos das pessoas serem e estarem na sociedade. Em relação a isso a presente pesquisa pretende exatamente ressaltar os impactos da presença da mídia na infância.

Conforme Cezar, Pinheiro e Silveira (2017) percebe-se que a maioria das crianças se interessam muito pelos desenhos animados e isto está causando uma grande preocupação nos pais e educadores acerca de como as crianças estão recebendo como significação ao assistir seus desenhos favoritos e os impactos disso para a formação de seu caráter e visão de mundo.

Almeja, com este estudo, investigar a influência em que os desenhos animados exercem sobre as crianças e quais as consequências disso na construção do gênero.

À vista disso, há carência de materiais acerca dessa temática específica, nesse sentido busca-se com esta pesquisa responder a tais questões.

No entanto, será que os desenhos infantis realmente influenciam nas questões de gênero ou a maior influência advém de aspectos culturais já imbricados no meio em que a criança está inserida? Em relação a isso, pretendo investigar e sanar o déficit de matérias, fomentando futuros trabalhos científicos.

Os desenhos animados infantis influenciam na construção do gênero e desenvolvimento das crianças? Se a criança não for submetida a exposição de desenhos animados então ela sofrerá alguma influência? Os desenhos animados são saudáveis para o processo de construção do gênero, visto que esse é tão presente no cenário infantil? Tais questionamentos são apenas algumas inquietudes que se pretende sanar com o presente estudo.

Espera-se destacar se há ou não a influência dos desenhos animados na construção e desenvolvimento dos sujeitos, bem como correlacionar a massificação em que a criança está exposta durante a infância por meio da mídia televisiva. Também se pretende com esta pesquisa sanar a problemática apresentada, atingir todos os objetivos propostos anteriormente, bem como contribuir de forma científica, social, cultural e psicológica, e ainda fomentar futuros trabalhos envoltos da temática.

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica sua estrutura será dividida por capítulos acerca da temática proposta. No primeiro capítulo retrata o percurso histórico da infância destacando as formas como a infância era vista na antiguidade até a concepção que temos hoje em dia. No segundo capítulo será abordado conceitos como: sexo, gênero e identidade para que possa ser discorrido e que haja uma compreensão sobre a construção da subjetividade infantil. No terceiro capítulo será destacado a forma como a mídia exerce influência na construção do gênero e suas implicações na subjetividade infantil. E por fim, no quarto e capítulo será abordado a análise de alguns desenhos animados em relação as questões de gênero, tais que influenciam na construção da identidade e da subjetividade da criança.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as implicações dos desenhos animados infantis na construção da subjetividade e identificação de gênero de crianças.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Definir infância em um percurso histórico da humanidade;
- Descrever o processo de construção de gênero e identidade;
- Identificar as representações que os desenhos infantis e seus marcadores de gênero inferem ao desenvolvimento infantil;

3 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2002) a pesquisa bibliográfica consiste em realizar um estudo a partir dos materiais já produzidos anteriormente, obtidos principalmente através de livros, artigos científicos, publicações em periódicos, monografias e dissertações. Enfatiza-se que todos os tipos de pesquisas necessitam desse referencial teórico, porém a pesquisa bibliográfica é realizada unicamente através de fontes bibliográficas. Esse tipo de método possui como benefício proporcionar ao investigador um olhar amplo sobre diversos aspectos, muito além do que poderia ser obtido se fosse estudado a campo diretamente. Em relação a isso, Marconi e Lakatos (2007) explanam que a pesquisa bibliográfica tem como objetivo fazer com que o pesquisador tenha uma relação direta com tudo que foi escrito, dito ou filmado acerca de um tema.

Os materiais foram encontrados nas seguintes bases de dados: Scielo - Scientific Electronic Library Online, Redalyc - Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal e Google Acadêmico. Foram utilizados estudos extraídos de revistas científicas eletrônicas, além de livros, dissertações e anais publicados em congressos, todos os materiais escritos em língua portuguesa e publicados entre os anos de 1993 a 2017, foi delimitado esse período por possuir maior número de materiais relevantes a temática escolhida.

Serviram como instrumento para coleta de dados, os seguintes descritores: Desenhos Animados e Infância; Identidade de Gênero Infantil; Mídia Infantil; Desenvolvimento da Infância e Mídia.

Os materiais em desacordo com critérios apresentados previamente fazem parte dos critérios de exclusão deste estudo, de modo que não foram considerados relevantes a essa pesquisa.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 A INFÂNCIA NO PERCURSO HISTÓRICO

O modo como vemos a infância na atualidade nem sempre foi visto de tal forma, essa fase da vida por muito tempo não foi vista como em desenvolvimento, com particularidades e necessidades específicas, mas sim por muito tempo foi vista como um adulto pequeno ou adulto em miniatura (ROCHA, 2002).

No século XII a criança era vista como substituível, como ser produtivo que tinha como objetivo ser útil para a sociedade, por esse motivo, logo aos sete anos de idade era inserida na vida adulta e transformava-se em um sujeito útil na economia familiar, desenvolvendo tarefas, copiando seus pais e suas mães, acompanhando-os em seus ofícios, desempenhando, assim, seu papel perante ao grupo social em que está inserido (ROCHA, 2002). Em complemento disso Heywood (2004) *apud* Netto, Brei e Pereira (2010) afirmam que essa época consistia em uma sociedade pré-industrial, em que as crianças eram submetidas gradativamente no universo dos adultos a partir de uma idade precoce, auxiliando os pais, trabalhando na condição de serventes ou aprendendo a mesma profissão de seu núcleo familiar.

Já no século XII ao XVIII, demonstra que criança/infância tomou uma nova definição, compreendida como a primeira idade, tal que é caracterizada por “plantar” os dentes. A faixa etária dessa idade é marcada desde o nascimento e se perdura até os sete anos, nessa é que chamamos de *enfant* (criança), que significa identificar o ser humano como não falante, pois nessa faixa etária o sujeito não consegue se comunicar satisfatoriamente através da fala (ROCHA, 2002).

O processo histórico da infância relatada através de ARIÈS (1981) *apud* Rocha (2002) enfatiza que as crianças foram tratadas como adultos em miniatura – em aspectos tais como: vestimentas, atuação ativa em reuniões, festas e danças. No mundo das fórmulas românticas, e até o final do século XIII, não têm crianças com características próprias, mas sim homens de tamanho reduzido.

As crianças eram jogadas fora e substituídas por outras sem sentimentos, na intenção de conseguir uma espécie melhor, com uma saúde melhor, mais forte que suprisse às expectativas e necessidades dos pais e de uma sociedade que estava pautada sob o viés da perspectiva utilitária da infância. O sentimento de amor materno

e familiar não existia, como uma menção à afetividade. A família era somente social e não sentimental (ROCHA, 2002).

No século XVII, com a influência dos poderes públicos e com a inquietação da Igreja em não aceitar de forma passiva o infanticídio, anteriormente admitido secretamente. A partir daí, passa a existir maneiras para defender as crianças. As condições de higiene foram aprimoradas e a preocupação com a saúde das crianças tornou possível que os pais deixassem de aceitar com tanta naturalidade a morte dos filhos. O sentimento de apego surge a partir do século XVII, como uma manifestação da sociedade contra a “paparicação” da criança, e sugere separá-la do adulto para educá-la conforme sua cultura e disciplina, dentro de um viés mais coerente. No século XIV, através do grande movimento da religiosidade cristã, aparece a criança mística ou criança anjo (ROCHA, 2002).

O descobrimento da infância, segundo Postman (1999), aconteceu com a popularização dos livros e já para Ariès (1981) ocorreu através da expansão das escolas, ambos os acontecimentos advindos entre os séculos XVI e XVII. Entretanto, os dois autores concordam que o conhecimento e a separação entre os que sabiam e os que não sabiam eram responsáveis pela concepção e separação tanto da infância quanto da idade adulta. Nesse momento nas escolas, as crianças começaram a serem separadas em séries com distintos uniformes, diferentes níveis de conhecimento e adquiriram também uma linguagem própria. Tais mudanças na concepção da infância não ocorreram somente nas escolas e nos livros, bem como a sociedade em geral. Tornando-se uma sociedade mais moralista, surgiram conteúdos e livros proibidos para as crianças, e também apareceu uma classe média aparente e florescente, ou seja, pessoas com dinheiro e o desejo de gastá-lo. O dinheiro conforme Postman (1999) também servia para que as crianças se vestissem, falassem e viviam de maneira diferente dos adultos (NETTO; BREI; PEREIRA, 2010).

Diante do contexto histórico é visível que houve um enorme ganho quanto a concepção da infância, essa fase começou a ser vista diferente da fase adulta, conseqüentemente houve a consciência que necessita de um cuidado específico e que a “adultização” da criança não é saudável para o desenvolvimento da mesma, outro ganho é que a criança começou a ser vista como um ser dependente e com necessidade afetiva.

Conforme Silva (2017) a infância pode ser vista como uma categoria social do tipo geracional, composta por um grupo social de indivíduos ativos que compreendem e comportam-se na sociedade em que estão inseridos. Logo, a forma de ver a infância perpassa por um conjunto de fatores, sendo eles: a construção social, o período histórico, as relações de poder e os interesses da Igreja, Estado e da Sociedade Civil.

Dessa forma podemos considerar que atualmente a infância é concebida como uma faixa etária ou uma fase da vida, em que se passa por um processo de construção histórico e cultural. Nesta fase o sujeito está repleto de influências do meio em que está inserido, podendo citar grupos como: família, amigos, escola, igreja, Estado e também a mídia. Nesse meio o indivíduo começa a disseminar discurso, atribuir símbolos, determinadas atitudes e significados que conceber seu modo de ser (NETTO; BREI; PEREIRA, 2010).

Em relação a isso, Sarmiento (2004) elucida que na contemporaneidade são inseridas as mais distintas transformações sociais que fazem parte de sua constituição e que direcionam para a reinstitucionalização da infância. Os ideais e as representações sociais acerca da infância, assim como suas condições de existência estão passando por mudanças significativas e isso está ligado as transformações decorrentes do espaço e tempo do cotidiano dos sujeitos, da estrutura familiar, do mass-media, da escola e do espaço público.

Por fim, é nítido que ao longo do percurso histórico da humanidade houveram mudanças no modo de significar e ressignificar a criança e a infância, isso ocorreu em decorrência do tempo, influências culturais e o cenário de cada sociedade. Dessa forma, pode-se concluir que a infância e a criança nem sempre foram concebidas da forma que vimos atualmente, mas sim passou por diversas mudanças, marcadas por idas e vindas, rupturas e inquietações. O conceito sobre a criança e a infância vem sendo construído historicamente, sofrendo influencias de cunho social, econômico e político, podendo ainda enfatizar que nem mesmo dentro de uma mesma época pode não se apresentar de forma homogênea (SILVA, 2017).

4.2 SEXO, GÊNERO E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE INFANTIL

Neste capítulo será abordado conceitos como: de sexo, gênero e identidade para que possa ser discorrido sobre a construção da subjetividade infantil.

4.2.1 CONCEITUANDO E COMPREENDENDO O SEXO

O sexo trata-se da classificação biológica dos indivíduos como machos ou fêmeas, fundamentada através de características orgânicas, tais como: cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais. Ou seja, sexo é um caracterizado por um conjunto de aspectos sexuais e biológicos dos sujeitos (JESUS, 2012).

Pensando na definição de sexo, Waimer (2016) explana que características anatômicas como dimensão e forma da bacia apontaram e explicaram a maternidade como destino natural da mulher; possuir um pênis ou uma vagina nos conecta, naturalmente, ao exercício de determinadas configurações de sexualidade.

Para a ciência biológica, o que estabelece o sexo de um indivíduo é o tamanho das suas células reprodutivas, ou seja, pequenas (espermatozoides) é rapidamente entendido como macho e grandes (óvulos) é caracterizado como fêmea. Os aspectos biológicos não definem a forma como nos comportamos (masculino ou feminino), o responsável por isso é a cultura, em que define e isso muda de acordo com o contexto cultural que as pessoas estão inseridas (JESUS, 2012).

Ou seja, o termo sexo de acordo com Olinto (1998) refere-se somente as características biológicas, sendo elas: genéticas, anatômicas e fisiológicas dos seres humanos, sem levar em consideração a forma de identificação dos sujeitos influenciada pelo sistema de relações em que está inserido.

Algumas pessoas tendem a confundir sexo com sexualidade, à vista disso faz-se necessário distinguir tais conceitos. Como conceituado anteriormente sexo está relacionado as características biológicas que predeterminam os indivíduos como homem/mulher ou macho/fêmea. Já a sexualidade transcende tais atributos, esta tem relação com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como também com o corpo dos indivíduos, ou seja, a sexualidade não pode ser caracterizada ou compreendida

observando apenas os atributos naturais do corpo (biológico), mas que vai muito além disso, levando em consideração também os processos inconscientes e formas culturais (LOURO, 1997).

4.2.2 GÊNERO

Fazendo uma ligação com a temática anterior, o gênero foi criado e é continuamente utilizado em contrapartida a sexo, para apresentar o que é socialmente/culturalmente construído em oposição ao que é biologicamente determinado (NICHOLSON; SOARES; COSTA, 2000). Para completar essa afirmação, Olinto (1998) postula que gênero engloba todo o sistema de relações do indivíduo, incluindo sexo, entretanto transcende a diferença biológica.

A definição de gênero pode ser relacionada como um processo de aprendizado, não inato, que faz alusão a identidade vivenciada através da representação de papéis sociais. Dessa forma, homens e mulheres adquirem determinadas formas de ser e agir conforme a essa representação, internalizando processos identitários particulares por meio da socialização (WAIMER, 2016).

Segundo Senna e Cassiano (2010) *apud* Silva e Coutinho (2017) é conceituado gênero uma representação das características físicas e comportamentais que predeterminam os sujeitos como masculino ou feminino - homem e mulher. As relações de gênero são construídas e impostas social e culturalmente, e sofrem forte influência da família, considerando que este é o primeiro grupo social em que somos inseridos. Jesus (2012) elucida que gênero se trata de uma categorização pessoal e social dos sujeitos como homens ou mulheres, tal categorização norteia papéis e expressões de gênero, isso independente do sexo biológico. Ou seja, gênero pode ser definido como as formas de se identificar e ser identificada como masculino ou feminino.

Dessa maneira, o corpo é a realidade de início, e em seguida vem o gênero como movimento originante¹ que ocorre sem interromper, um ato cotidiano de interpretação e reconstrução. O gênero não é inato, é uma construção social minuciosamente produzida no dia-a-dia, como parte do conhecimento das regras

¹ Conforme Urrutia (2013) ao mencionar o gênero como um movimento originante, está se referindo ao fato do gênero ser uma construção social, ou seja, não é algo determinado biologicamente, mas sim que vem originante do sexo biológico.

imprescindíveis para agir no mundo, fundamentado na interpretação social da diferença biológica. A diferença existe, e parece nos remeter ao âmbito do corporal, da experiência pessoal, em soma e do privado (URRUTIA, 2013).

Para a melhor compreensão sobre homens e mulheres, se faz necessário que se entenda o que é gênero. Por exemplo, no Brasil ser masculino, difere do que é ser masculino em outros países, em algumas culturas não é o órgão genital que define o sexo, sendo algo construído socialmente e/ou culturalmente, dependendo muito no contexto em que o sujeito está inserido (JESUS, 2012).

A definição de gênero pode ser compreendida de forma ampla, isto é, passa a abranger todas as formas de construção social, cultural e linguística relacionadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, englobando aqueles processos que produzem seus corpos, diferenciando-os e dividindo-os como corpos compostos de sexo, gênero e sexualidade (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2010).

Ao se falar de gênero, o mesmo deve ser compreendido como um processo complexo de construção dos aspectos biológicos, comportamentais e psicológicos vivenciados entre homens e mulheres, considerando que cada sujeito possui suas intrínsecas instituições, símbolos, normas, conhecimentos, leis e políticas, além do mais outro aspecto que tem forte influência na construção do gênero é imposição social, conforme a época e a sociedade em que o sujeito está inserido possui uma representação do feminino e masculino. Por fim, pode-se dizer que o “ser homem” e o “ser mulher” é compreendido por uma variedade de comportamentos culturais onde se fazem evidentes as características de uma determinado contexto cultural e social. Os padrões, determinam além de regras de conduta, estabelece-se normas, valores, percepções e representações que concebem e determinam a identidade dos sujeitos (WAIMER, 2016).

4. 2.3 IDENTIDADE – A IDENTIDADE DE SEXO E A IDENTIDADE DE GÊNERO

Considera-se um dos pilares bases da Psicologia o termo identidade. Pensando nisso, a identidade é considerada um tipo de análise, isto é, constitui-se em um elemento que é usado como referencial para submeter um objeto a uma análise; um recurso teórico que vai auxiliar a compreensão de um dado acontecimento; mediação para a compreensão de um determinado objeto. A identidade está relacionada a forma como a pessoa encontra a relação consigo e uma relação com o todo, sendo assim a identidade é compreendida como a característica de um sujeito de se perceber como o mesmo ao longo do tempo (WAIMER, 2016).

Vale ressaltar que experiência vivencial de um gênero (social/cultural) conflitante com o que era esperado de alguém de um determinado sexo (biológico) é uma questão de identidade (JESUS, 2012).

Waimer (2016) destaca que a identidade surge dotada de gênero. A genitália determina a categorização enquanto ao sexo biológico e através dela, os modelos culturais definem as normas de comportamento. Tais aspectos dependem muito do contexto social e do momento da vida de quem está sendo submetido. O papel social começa a se conceber desde a gestação, como por exemplo, quando o núcleo familiar escolhe e prepara o enxoval do bebê conforme o sexo previsto. Ao nascer uma criança é identificada como menina ou menino e nesse momento a sociedade e as instituições em que esta é inserida começará a esperar/impôr algo direcionado ao sexo de nascimento. Isto é, de acordo com as genitais femininos ou masculinos, os bebês são submetidos a distintas formas de pensar, sentir e atuar no mundo que os rodeia.

De maneira simples, o sexo é biológico e o gênero é social, sendo que este segundo é construído pelas diferentes culturas. O gênero transcende o sexo, sendo assim o que realmente é importante na caracterização do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas sim a autopercepção e a forma como um sujeito se expressa socialmente. Nesse caso, se aderirmos ou não a modelos e/ou papéis de gênero, não necessariamente precisam estar compatíveis com nossos órgãos genitais, cromossomos ou níveis hormonais (JESUS, 2012).

Conforme Jesus (2012) é importante enfatizar que identidade de gênero e orientação sexual são dimensões distintas e que não se confundem. Diante disso, Cardoso (2008) define a orientação sexual correlacionada ao desejo sexual, ou seja,

refere-se a atração física, desejos e a excitação fisiológica por pessoas do sexo oposto (heterossexual), do mesmo sexo (homossexual) ou para ambos (bissexual). De acordo com Jesus (2012) o gênero é compreendido através da forma em que as pessoas se identificam e que pode ou não ser compatível o gênero que lhe foi conferido quando de seu nascimento. Sendo assim, de maneira resumida o gênero é a forma como as pessoas se identificam e se manifestam na sociedade e a orientação sexual está relacionada a forma com que se relacionam afetivamente e sexualmente.

É errôneo tentar cristalizar ou padronizar o movimento as forças, pois o sujeito está em constante construção e a identidade de gênero está muito imbricada nessa construção assim como a sexualidade como um todo que é aprendida e experienciada através das vivências (MANSANO, 2009).

A identidade de gênero é constituída a partir das relações do sujeito com o social e do sujeito com ele próprio. Em consequente, todo e quaisquer indivíduo possui um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais este compreende o que é masculino ou feminino através de sua vivência social. Este núcleo de nossa identidade é construído através dessa vivencia e a partir do instante que o bebe é determinado como menina ou menino, ainda sobre este núcleo é pertinente que não se modifica ao longo da vida psíquica de cada pessoa, mas sim é associado e incorporado novos papeis a esse conjunto de convicções (WAIMER, 2016).

4.2.4 A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

O conceito de subjetividade está relacionado ao que é subjetivo, considerando que subjetivo se refere ao que é próprio do sujeito ou a ele relacionado. Para compreensão do conceito de subjetividade vincula-se também os conceitos de subjetivo e sujeito, portanto a subjetividade torna-se a junção daquilo que é particular - subjetivo ao sujeito - ser humano (PAN *et al*, 2011).

A subjetividade pode ser compreendida como ao que concerne ao sujeito, ao seu psiquismo ou a sua constituição, quer dizer, é o conjunto interno em junção com os aspectos externos. Sendo assim, concebida como um processo e resultado que é formada por uma amplitude e que integra a singularidade de cada indivíduo (SILVA, 2009).

A subjetividade pode ser compreendida como uma produção incessante que acontece quando é lançado ao estabelecimento das relações sociais, ou seja, a subjetividade é necessariamente fabricada e modelada dentro do âmbito social (MANSANO, 2009). Confirma-se essa postulação através da linha de pensamento de Aita e Facci (2011) que afirmam que o ser humano só se torna ser humano, só se humaniza quando se apoderasse dos moderadores instituídos culturalmente, por intermédio dos conhecimentos incorporados pela humanidade no decorrer do processo histórico. Consequentemente, o sujeito constrói sua forma de ser ao apropriar-se do mundo, e sua subjetividade é estabelecida a partir desse ir e vir do mundo interno para o mundo externo.

O processo de subjetivação pode ser entendido a partir do contexto filosófico-epistemológico e conceitual, compreendida como a estrutura do real, ou seja, aquilo que vem primeiro, logo primordial. Esse aspecto que vem primeiro se refere ao âmbito íntimo/interno e racional do indivíduo e logo em seguida vem o âmbito externo, sendo ele as relações sociais e culturais que é submetido, essa combinação é responsável por trazer significado, isto é, produz e instaura o real, o mundo, as coisas para aquele sujeito, formando assim sua subjetividade (PAN *et al.*, 2011). Em concordância com essa linha de pensamento Duarte (1993) explana que o processo de criação da subjetividade ou individualidade é concebido em decorrência da posse pelo sujeito singular da cultura humana, ou seja, dos elementos materiais e simbólicos adquiridos através da vivência histórica e social dos indivíduos. Consequente a temática, Saviani

(2004) ressalta que as pessoas se instituem mediante as relações que estabelecem entre si, isto é, as pessoas moldam e constroem sua subjetividade, formas de agir e pensar tendo por base as gerações passadas e a partir de sua própria vivência atual.

De acordo com Silva (2009) o fenômeno psicológico deve ser compreendido como uma concepção no nível individual do mundo simbólico que é social. Tal fenômeno deve ser considerado como subjetividade, sendo constituída a partir da correlação com o mundo material e social, este que somente é encontrado através da atividade humana.

Pode-se considerar a subjetividade como um veículo de mão dupla, que simultaneamente absorve os componentes de subjetivação no meio em que vive e que também os emite, fazendo dessa troca uma construção coletiva da subjetividade, em que as relações dos indivíduos vão criando as formas de ser e existir de cada um. O tempo histórico em que o indivíduo está inserido influencia fortemente em como esta construção será realizada e é construída também com o auxílio de alguns componentes tais como: instituições, da linguagem, da tecnologia, da ciência, da mídia, do trabalho, do capital, da informação, enfim, possui uma extensa lista de aspectos que possuem como principal característica o fato de ser frequentemente reinventada e novamente inserida em circulação na vida social (MANSANO, 2009).

A constituição da subjetividade do sujeito ocorre a partir da apropriação da aprendizagem dos aspectos incorporados historicamente e culturalmente, mediante isso, o indivíduo desenvolve suas funções superiores, tais como: raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções. Sendo este um aspecto primordial em que se desenvolve sua subjetividade e tem relação direta com as relações sociais (AITA; FACCI, 2011).

A imagem parece se estabelecer como o centro atualmente, o que já havia tido uma previa introdução da televisão nos anos 50, ou pelo advento da propaganda nos últimos momentos. Pensando nisso, pode considerar que atualmente esta imagem aparenta coisificar o indivíduo, impor como as relações devem se constituir, as formas de desejos e o tempo, o que nos leva a uma relação mediante a forma como construímos nossa subjetividade pautada ao que nos é imposto ou apresentado através das mídias (MEGALE; TEIXEIRA, 1998).

4.3. MÍDIA E DESENHOS INFANTIS: IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO

Será destacado neste capítulo a forma como a mídia exerce influência na construção do gênero e suas implicações na subjetividade infantil.

4.3.1 MÍDIAS E DESENHOS INFANTIS

A palavra mídia tem relação direta com meio de comunicação e imprensa, podendo ser transmitida através da comunicação áudio visual ou impressa, sendo muito utilizada nas análises que tinham por objetivo a compreensão do poder institucional e as representações dos meios de comunicação no mundo atual. Isto é, mídia consiste em um veículo da indústria da comunicação na sociedade capitalista que detém de linguagens e fatores múltiplos que envolvem a comunicação em massa, possuindo grande influência e poder no mundo contemporâneo (GUAZINA, 2007). Medeiros (2010) postula que os desenhos animados são considerados como produtos veiculados pela mídia e que se fazem presentes na cultura contemporânea.

Na atualidade, as crianças são vistas de forma ambígua em relação ao fator midiático, por um lado elas são consideradas como desprotegidas e inocentes, passíveis das influências das propagandas. Já por outro lado, são vistas com o olhar de consumidoras, de modo que é levado em consideração suas vontades e desejos. Pode-se enfatizar ainda que por um lado, as crianças são pautadas por leis que as protegem de violências, abusos e trabalho, diferentemente vivem em sociedade que se aproveita da reprodução de uma infância “adultizada” através do entretenimento, tais como: desenhos, seriados de televisão, novelas, músicas e propagandas (NETTO; BREI; PEREIRA, 2010). Em relação a essa ambiguidade Silva e Coutinho (2017) complementam expondo que não é muito nítido a fronteira entre a vida adulta e a infância e as representações femininas e masculinas; enfatiza-se que a criança atualmente não é vista como frágil e inocente, mas sim um sujeito que desperta muito o interesse do consumo e na mídia.

As mídias influenciam desde a escolha de temas e conteúdo para que a partir deles incorporem as maneiras de pensar que desejam. Na sociedade atual é muito recorrente que a mídia dê um enfoque em determinados assuntos a fim de direcionar

a atenção do público para determinada temática (SILVA; AGUILERA, 2015). Portanto, conforme Ferrés (1998) os desenhos animados são reflexos das formas de se comportar e pensar da sociedade, assim como detém uma ligação considerável com o período histórico em que foram criados.

Através dos desenhos animados a criança é submetida a variados significados, que influem um determinado consumo através dos personagens, e seus discursos, objetos, roupas e acessórios, que transmitem uma mensagem que determinados produtos são essenciais a sua vida, como por exemplo: brinquedos, fantasias, alimentos (SILVA, 2017). Acerca disso, Brougère (2000) elucida que a mídia televisiva influencia grandemente na cultura e forma de pensar da criança com base no material exibido. Portanto, um protagonista de desenho animado tem a capacidade de moldar pensamentos e comportamentos. Moura *et al.* (2012) confirma que a mídia é um forte influente na vida das pessoas encarregado de reproduzir imagens, significações, valores, identificações e representações. As programações dirigidas ao público infantil, principalmente os desenhos animados, são repletos de fantasias que fazem com que as crianças venham a se identificar com determinado personagem. Por meio dessa identificação podem ser persuadidas a utilização de roupas e objetos relacionados aos personagens, e a partir disso vai percebendo e formando sua identidade.

Os desenhos animados possuem múltiplas funções, podendo citar como primordiais: divertir, educar, construir conhecimentos e produzir sujeitos. Sendo assim, é de grande relevância que as crianças apresentem um olhar crítico em relação ao que está sendo exibido a elas, a partir desse olhar crítico as crianças serão capazes de problematizar as imagens de homem-mulher, masculino-feminino, beleza e felicidade. As crianças possuidoras disso, futuramente não correram o risco de serem enquadradas nos padrões sociais, sejam eles: de beleza, de gênero, de etnia, entre outros e conseqüentemente evitar que seja vista como diferente, inferior, menor ou discriminada (MEDEIROS, 2010). Confirma-se isso, através de Jempson (2002) que expõe que é necessário que haja um cuidado referente ao material exibido as crianças, a partir do conteúdo são transmitidas as concepções de bem e mal e estratégias de propaganda, fazendo com que as crianças desejem fazer a aquisição de produtos de seus personagens ou desenhos favoritos. Outro agravante é com os produtos as crianças desejam parecer iguais aos seus personagens, levando do

imaginário para o real, correndo o risco de se inserirem nos padrões de beleza determinados socialmente e transmitidos pela mídia.

Novakowski, Costa e Marcello (2016) salientam que geralmente as crianças não são supervisionadas pelos responsáveis quanto ao conteúdo que estão assistindo e isso é um risco que se corre, pois, o conteúdo colabora para a construção da identidade de gênero e também para a construção da subjetividade do sujeito. Aludindo a isso Santos, Dutra e Costa (2015) ressaltam que a mídia tende a separar e excluir de forma oculta o masculino do feminino, possuidor e não possuidor (recursos financeiros) através das brincadeiras e dos produtos comercializados acerca dos personagens dos desenhos animados, sendo estes considerados como exemplo indenitário. Para atestar o exposto, Jempson (2002) destaca que os desenhos em sua grande maioria difundem mensagens subliminares e o público infantil são desprotegidos em relação a estas mensagens, fato esse que pode manipular os princípios da criança e influir na sua vida adulta.

4.3.2 DESENHOS ANIMADOS E IMPLICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA INFÂNCIA

No Brasil, a mídia é uma das formas mais simbólicas de circulação e difusão de aspectos que influenciam expressamente em aspectos de cunho social e do dia-a-dia dos indivíduos. Esse meio de expressão midiático está presente rotineiramente na vida de todos os sujeitos e conseqüentemente também na vida das crianças, sendo cada vez mais precoce essa exposição, havendo diante disso uma persuasão na construção da identidade da criança (MOREIRA, 2003). Novakowski, Costa e Marcello (2016) salientam a existência de diversos fatores que influem as questões de gênero para as crianças, podendo citar como principais: a escola, a família, as instituições religiosas e também a mídia em geral (através de jornais, propagandas, radio, revistas, filmes e desenhos). Além de ditar as formas de ser menina e menino, a mídia também propaga questões de raça, etnia e sexualidade, dentre outras.

Conforme Silva e Coutinho (2017) a forma mais usada de entretenimento das crianças são os desenhos animados, e estas aproveitam a maior parte do seu tempo livre assistindo televisão. Destacam ainda que esse meio de comunicação e o tipo de programação que está sendo exibido tem uma grande interferência na formação e desenvolvimento de crianças e adolescentes. Em conexo, Figueiredo (2004) diz que hoje em dia o ato de brincar vem sendo consideravelmente trocado pela utilização das inovações tecnológicas, com enorme enfoque na televisão, internet e nos desenhos animados. Destaca-se ainda, que as crianças passam a maior parte de seus horários livres assistindo aos desenhos animados como forma de completar o período de permanência em suas residências. Tosim *et al.* (2017) destaca que o tempo que as crianças passam assistindo televisão supera o tempo de permanência na escola e ao ficar tanto tempo utilizando-se dessa forma de lazer ela fica em modo passivo, desprendendo-se do querer do indivíduo, permanecendo dessa forma como se fosse um objeto vinculado à televisão, pois esse meio refere-se a uma mídia sem interação. Essa forma de lazer faz parte do cotidiano do público infantil, e a mídia televisiva investe fortemente criados novos desenhos animados pensados e destinados totalmente para as crianças.

Atualmente ao pensar na infância, logo somos remetidos ao cenário em que estão inseridas, este atravessado pela mídia e pelo consumido desenfreado e

influyente. A forma mais usualmente da inserção do consumo e da mídia direcionada ao público infantil é através dos desenhos animados e este tem um poder de persuasão na formação da identidade de gênero das crianças. Isto é, através do enredo das histórias dos desenhos animados e a constituição social em que estão inseridas influem certas formas de enxergar as questões de gênero (SILVA, 2017). Conforme elucida Brougère (2000) os meios de comunicação atualmente fazem parte dos momentos de lazer das crianças, bem como de seu dia-a-dia. Isso remete as formas como são elaborados e transmitidos os símbolos e representações ao público infantil, esses que fazem com que a criança saia do lugar de observador do que está sendo transmitido para um protagonista de suas ações e escolhas, como consequência de imposições culturais. Novakowski, Costa e Marcello (2016) completam evidenciando que é através da percepção do mundo que as cercam que as crianças incorporam e atribuem significado ao seu modo de existir. O período da infância é compreendido por repetições comportamentais, ou seja, na infância a criança tende a imitar posturas e formas de enxergar mundo baseando-se nos adultos que estão em seu círculo social, mas também possuem modos subjetivos de se apossar dos conteúdos socialmente produzidos sobre gênero. Através de Sartori e Britto (2008) é entendido que as crianças tendem a repetir os comportamentos e falas dos protagonistas dos desenhos e é muito perceptível o quanto os desenhos geralmente separam os gêneros, isso é preocupante, pois se as crianças tendem a imitar os personagens, consequentemente irão propagar uma cultura machista ou femista e cheia de estereótipos. Pensando nisso, ressalta-se que os meios de comunicação ditam os padrões de comportamentos femininos e masculinos. Nos contos de fadas, as personalidades são geralmente representadas pelo sexo feminino, demonstrando uma figura delicada e sensível. Já para salvar e proteger o universo estão representando os personagens do sexo masculino. Ao pensar nos papéis e os enredos geralmente demonstrados nos desenhos, a mulher na maioria das vezes é colocada como a frágil que precisa de alguém que venha a lhe salvar, fazendo com que a menina cresça e se desenvolva com a concepção que o menino está sempre mais forte, mais avançado nesse aspecto.

A televisão possui uma forte participação da constituição da personalidade e subjetividade dos sujeitos, podendo destacar que ela é o componente integrante e essencial da produção e disseminação de significações e sentidos, estes que se

vinculam aos modos de ser, pensar e envolver-se na sociedade (FISCHER, 2001). Consequente a isso, Rael (2002) expõe que as atrações televisivas (novela, programa, propaganda ou desenho animado) são constituintes e veiculadores de representações que implicam em formas de agir e de se identificar e que conseqüentemente de alguma forma são reguladores de nossas vidas, determinando as formas que seremos na sociedade em que vivemos.

Os desenhos animados por meio dos personagens, das roupas, acessórios, comportamentos e falas podem determinar condutas e constituir identidades infantis, sendo um fator de grande influência no desenvolvimento da subjetividade de quem assiste (SILVA, 2017). Janaina Neuls ressalta que:

A mídia é constituidora de sentidos, uma vez que estamos sendo, frequentemente, produzidos por discursos que nos conformam e nos subjetivam, quer seja assistindo a um telejornal, a uma novela, [um desenho animado] quer seja lendo um jornal ou uma revista. A mídia constitui, diariamente, nosso olhar sobre gênero, sexualidade, classe, raça, geração [...]. Entendo que ela é uma das instâncias produtoras de sentido e identidades, assim como a família, os grupos de amigos, os grupos profissionais, e tantas outras instâncias e artefatos da cultura produtores de discursos que nos confortam e nos subjetivam (2004, p. 18-19).

A interferência da mídia a respeito de sexualidade, corpo e gênero não tem atingido somente à adultos, homens e mulheres, como também tem influenciado estreitamente a constituição das identidades infantis na atualidade. Através do que está sendo exibido, todos os sujeitos estão expostos as influências midiáticas, isso é agravante ao pensar que as crianças não possuem certos discernimentos e concepções formados em relação a determinados assuntos, mais especificamente as questões de gênero (NOVAKOWSKI; COSTA; MARCELLO, 2016). Por intermédio dos desenhos animados a mídia produz valores, formas de agir e modos, tais que estabelecem a maneira de ser homem ou mulher. As crianças demonstram a influência dos desenhos animados através da escolha dos mesmos e ao definir se é desenho de meninas ou meninos, isto ocorre, pois, as crianças através das imagens e conteúdos buscam a recriação de significados sobre si mesma e sobre todo o seu envolvimento, ocorrendo assim a identificação ou a não identificação com determinado gênero (SANTOS; DUTRA; COSTA, 2015). Para confirmar tal linha de pensamento, Fischer (2002) afirma que essa forma de entretenimento (desenhos animados) influencia fortemente na formação da subjetividade das crianças. Conforme Tosim *et al.* (2017) é primordial analisar os efeitos advindos dessa exposição desenfreada as

mídias e aos desenhos animados em específico, percebendo quais os tipos de estímulos estão sendo emitidos às crianças e de qual forma estão vivendo e convivendo a partir do que está exibido, pois as crianças fazem parte de um grupo de sujeitos que são considerados vulneráveis diante das mensagens que são emitidas e que podem ser direcionadas tanto para o bem quanto para o mal, além disso essas mensagens também podem resultar de forma positiva ou negativa na formação da identidade infantil.

Confirmando essa influência dos desenhos animados, Silva (2017) salienta que o direcionamento dos desenhos às crianças reafirma os papéis destinados para homens e mulheres na sociedade, polarizando e determinando as formas de ser e estar. Mesmo que não seja nítido essa influência. Santos, Dutra e Costa (2015) explanam que é possível através das falas, brincadeiras e produtos consumidos pelas crianças perceber a influência velada dos desenhos animados, tais que são providos de ideologias. Isso reflete interruptamente nas formas de agir e na forma com que se identificam e concebem os gêneros.

4.4 ANÁLISE DE ALGUNS DESENHOS ANIMADOS E SUAS INFLUÊNCIAS

Neste capítulo será abordado uma breve análise de alguns desenhos animados em relação a identidade de gênero, tais que influenciam na construção da identidade e da subjetividade da criança. A análise terá um enfoque nas questões identitárias, visto que diante da temática existe um grande e vasto caminho para análises dos desenhos, tais desenhos foram escolhidos conforme minha preferência pensando que foram criados e lançados em épocas diferentes.

O desenho animado intitulado “Os Simpsons” traz muito evidente as relações sociais e familiares em seu enredo. Mostrando através de seu enredo a convivência da família Simpson composta por: pai (Homer), mãe (Marge), filha mais velha (Lisa), filho do meio (Bart) e a filha caçula (Maggie). O desenho vai se desenvolvendo baseado nessa relação. Geralmente desenhos que tem como característica seu enredo o núcleo familiar possui semelhança em sua categoria, isto é, apresentam-se um casal heterossexual e dois filhos – comumente um menino e uma menina. Mostrando através dessa configuração um direcionamento ao padrão de família e os papéis que devem ser seguidos por cada membro dela (TOSIM *et al.*, 2017).

Pode-se citar outro desenho que tem em seu enredo o núcleo familiar, sendo ele denominado “Peppa Pig”. Esse desenho tem uma relação ao desenho anterior no quesito papéis sociais dos membros da família, demonstram em ambos que a figura de poder é a figura feminina e que a figura masculina se mostra menos ativa nas decisões familiares e menos capacitados cognitivamente. Em Peppa Pig, os filhos (Peppa e George) exercem uma relação de poder sobre o restante da família, ou seja, os filhos exercem poder e uma certa superioridade sobre os pais. Nele é retratado que o gênero que toma as decisões é o feminino e a figura masculina é vista predominantemente cômica e expressamente submissa ao gênero feminino. Ou seja, Peppa Pig passa uma imagem que as mulheres são superiores aos homens e que a figura masculina é motivo de humor (TOSIM *et al.*, 2017).

O desenho animado chamado de “Meninas Superpoderosas” relata a história de três meninas que possuem superpoderes, seus nomes são: Florzinha, Lindinha e Docinho. Elas residem na cidade de Townsville e foram criadas pelo professor Utônio, um cientista que após criar as três meninas é considerado um pai para as mesmas. O desejo inicial do professor era fabricar a “garota perfeita”, para isso ele utilizou em sua

receita os seguintes ingredientes: açúcar, especiarias e tudo que há de bom, todavia cai inesperadamente o Elemento X na receita e dessa forma concebe as meninas com superpoderes. A partir desse desenho podemos fazer uma análise em relação as questões de gênero, pois ao usar como ingredientes o açúcar e tudo que há de bom para construir a garota perfeita, caracteriza-se esses como componentes tipicamente femininos, de modo que coloca como se a figura feminina tenha que ser sempre doce, delicada e perfeita, não desse padrão (OLIVEIRA et al, 2017).

Dentre a bibliografia estudada Tosim *et al.* (2017) demonstra uma figura positiva no desenho animado Doutora Brinquedos. Este desenho é protagonizado por uma menina, que possui poderes de transformar os brinquedos em reais. Possuindo em seu enredo e episódios mensagens de respeito, diversidade e ressaltando a figura feminina como inteligente, sensível e com um papel relevante na sociedade.

Em relação ao desenho animado Bob Esponja Calça Quadrada, Medeiros (2010) traz como um aspecto negativo em relação ao desenho pensando nas questões de gênero, ele traz o fato da maioria dos protagonistas do desenho serem do sexo masculino, remetendo a uma visão estereotipada e machista, por não haver à representatividade da figura feminina. Em contrapartida, o desenho quebra essa primeira imagem através da personagem feminina Sandy Bochechas, desvinculando-se do senso comum. O desenho mostra Sandy fora dos estereótipos estabelecidos socialmente: ela luta Caratê ao invés de praticar balé (o que geralmente é influenciado pela família para a menina quando criança), faz musculação, levantamento de peso e compete com qualquer um (homem ou mulher) que estejam buscando novas aventuras. Sandy é caracterizada como uma menina totalmente desvinculada do modelo da figura feminina determinada socialmente. Pode-se ressaltar então que esse desenho permite a perceptibilidade das variadas possibilidades contemporâneas de ser e estar na sociedade e no mundo, para além dos estigmas sociais. Possibilitando assim que o público infantil ao se depararem no processo de identificação se sintam aparadas e respeitadas no seu jeito de ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, evidenciou-se que os objetivos foram atingidos com êxito e que através da análise da infância e dos aspectos relacionados a sexualidade como: sexo, gênero, identidade e subjetividade foi possível uma compreensão mais completa acerca da temática. Percebeu-se que a criança possui uma identidade individual e coletiva, e que ambas se relacionam e constituem sua subjetividade e sua forma de existir. A subjetividade infantil sofre influências do âmbito social e histórico, ressalta-se que os desenhos animados fazem parte dos atributos sociais da criança, assim despertando interesse e aprofundamento pelo tema. Se corrobora através do exposto por Mansano (2009), que evidencia a constituição da subjetividade do indivíduo obtida através de uma troca, ou seja, o indivíduo é influenciado pelos construtos sociais e históricos e também influencia o seu meio, realizando uma formação coletiva da subjetividade, mediante esse processo cada sujeito cria sua identidade particular e formas de existir no mundo.

Mediante o exposto, vale ressaltar que as formas de se compreender o que é a infância/criança passou por um longo processo histórico e através dele houveram mudanças até a concepção que temos atualmente. Primordialmente as crianças não eram vistas como indivíduos que merecem um cuidado diferenciado dos adultos, e que somente depois de muito tempo foi percebido a necessidade de um tratamento diferente e como cuidados específicos.

Já em relação a sexualidade infantil, mais especificadamente a construção do gênero e da identidade, percebe-se que o meio em que está inserido, o contexto histórico, as transformações culturais e o núcleo familiar são fatores fortemente influentes nessa construção. Aliada a estes fatores é relevante destacar que aquilo que a criança assiste, ouve, se interessa e a forma que se distrai faz com que venha a se identificar ou não com o que está sendo exibido através das mídias, criando e ressignificando sua forma de existir. Confirma-se tais aspectos através de Novakowski, Costa e Marcello (2016) que atribuem a variados fatores influência na construção do gênero, podendo citar como um fator primordial as diversas interações sociais em que o indivíduo está inserido, como por exemplo: família, escola e as formas de entretenimento proveniente da mídia. Sua influência sugere as formas

de viver na sociedade, maneira de ser menina e menino, e padroniza também raças, etnias e sexualidade do sujeito.

Consequente, destaca-se os desenhos animados através de seu enredo faz com que a criança assimile seu mundo real ao seu mundo imaginário/simbólico. Isto é, a criança através do que está sendo exibido constrói sua subjetividade e a forma com que vai se comportar, pensar e agir no mundo. Vale ressaltar que a mídia possui variadas formas de padronização do ser humano e ao assistir um desenho a criança é submetida a mensagens veladas de como ser menina e menino, como se vestir e se comportar. Em complemento disso, Oliveira *et al* (2017) destaca que os desenhos animados são responsáveis por difundir valores e representações que permeiam o imaginário das crianças e que conseqüentemente influem na formação e concepção de sua sexualidade, modos de se comportar e se identificar. Além disso, é um forte propagador de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, como também a forma padronizada e estereotipada da vida cotidiana. Isso demonstra que os desenhos animados e os aspectos culturais já imbricados no meio em que a criança está inserida influenciam fortemente na construção do gênero e subjetividade infantil.

Essas questões merecem o envolvimento da Psicologia, sua contribuição inicia-se através de questionamentos e análises sobre as conseqüências dessas influências, com o intuito de desmistificar estigmas e preconceitos de gênero, demonstrando aos pais o quanto que as mídias e os desenhos animados influem a forma de ser e existir, bem como promover um desenvolvimento saudável para as futuras gerações de crianças (ANDRADE; SANTOS, 2013).

Entendemos que é nesta discussão que a Psicologia precisa se inserir, contribuindo para o questionamento sobre as implicações da veiculação desse modelo no psiquismo das mulheres que não se sentem contempladas no “padrão de beleza”, desconstruindo estigmas e preconceitos de gênero, raça e quaisquer outros

Pensando em toda a temática é perceptível a variedade de fatores que estão envolvidos nessa investigação e o quão acelerado está a evolução de nossa sociedade e das tecnologias. Sendo assim este estudo serve de base para futuras investigações e para fomento do interesse acerca disso, visto que há poucos materiais específicos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Darlane Silva Vieira; SANTOS, Helena Miranda (Org.). **Gênero na Psicologia: Articulações e Discussões**. Salvador: Conselho Regional de Psicologia 3ª Região, 2013.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CARDOSO, Fernando Luiz. O Conceito de Orientação Sexual na Encruzilhada entre Sexo, Gênero e Motricidade. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 42, n. 1, p. 69-79, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/284/28442108.pdf>>. Acesso em: 02 agosto 2019.
- CEZAR, Viviane de Lima; PINHEIRO, Ben Hur Graboski; SILVEIRA, Eliane Fraga. ANIMAÇÃO VERSUS REALIDADE: A INFLUÊNCIA DE DESENHOS ANIMADOS NA PERCEPÇÃO INFANTIL. **Anais do Seminário Internacional de Educação-SIEDUCA**, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://ulbracds.com.br/index.php/sieduca/article/view/1221/213>>. Acesso em: 06 dezembro 2018.
- DUARTE, Newton. **A Individualidade para-si: Contribuição a uma Teoria Histórico-Social da Formação do Indivíduo**. Campinas: Autores Associados, 1993.
- ESPERANÇA, Joice Araújo; DIAS, Cleuza Sobral. Meninos versus Meninas: Representações de Gênero em Desenhos Animados e Seriados Televisivos Sob Olhares Infantis. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 533-546, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1171/117116968013.pdf>>. Acesso em: 07 março 2019.
- FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. Tradução Juan Acuña Lorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996(a).
- FERNANDES, Adriana Hoffmann; OSWALD, Maria Luíza Bastos Magalhães. A Recepção dos Desenhos Animados da TV e as Relações entre a Criança e o Adulto: Desencontros e Encontros. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 65, p. 25-41, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v25n65/a03v2565.pdf>>. Acesso em: 07 março 2019.
- FIGUEIREDO, Márcia Maria Almeida. Brincadeira é coisa séria. **Revista On-Line UNILEST-MG**, Coronel Fabriciano, v. 1, 2004. Disponível em: <<https://www.unileste.edu.br/revistaonline/volumes/01/sumario.html>>. Acesso em: 02 agosto 2019.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v28n1/11662.pdf>>. Acesso em: 02 agosto 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e Educação: Fluir e Pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GIL, Antônio Carlos. Como Classificar as Pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 44-45, 2002. Disponível em: <<http://www.madani.adv.br/aula/Frederico/GIL.pdf>>. Acesso em: 06 novembro 2018.

GUAZINA, Liziane. O Conceito de Mídia na Comunicação e na Ciência Política: Desafios Interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 49-64, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Liziane_Guazina/publication/26591675_O_CONCEITO_DE_MIDIA_NA_COMUNICACAO_E_NA_CIENCIA_POLITICA_DESAFIOS_INTERDISCIPLINARES/links/5bd90dd2a6fdcc3a8db2cd39/O-CONCEITO-DE-MIDIA-NA-COMUNICACAO-E-NA-CIENCIA-POLITICA-DESAFIOS-INTERDISCIPLINARES.pdf>. Acesso em: 14 agosto 2019.

JEMPSON, Mike. Algumas idéias sobre o desenvolvimento de uma mídia favorável à criança. **A Criança e a Mídia-Imagem, Educação, Participação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Identidade de Gênero: Conceitos e Termos**. 2. ed. Brasília: Revista e Ampliada, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 14-36. Disponível em: <https://www.mp.ba.gov.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf>. Acesso em: 02 agosto 2019.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e Execução de Pesquisas, Amostras e Técnicas de Pesquisas, Elaboração, Análise e Interpretação de Dados**. 6ª Edição, São Paulo: Atlas, 2007.

MEDEIROS, Rosana Fachel. **Bob Esponja: Produções de Sentidos sobre Infâncias e Masculinidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MEGALE, Fernando Carlos Santaella; TEIXEIRA, Jurema. Notas Sobre a Subjetividade em Nossos Tempos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 48-53, 1998.

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura Midiática e Educação Infantil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1203-1235, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a06v2485.pdf>>. Acesso em: 10 agosto 2019.

MOURA, Josefa Tayane Tavares; LEAL, Lucas Oliveira; PADILHA, Karla Dayane de Sousa. **A Influência do Desenho Animado no Processo Sociocognitivo da Criança**. 4. ed. Campina Grande: Realize Editora, 2012.

NETTO, Carla Freitas Silveira; BREI, Vinícius Andrade; PEREIRA, Maria Tereza Flores. O Fim da Infância? As Ações de Marketing e a “Adultização” do Consumidor Infantil. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 129-150, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v11n5/a07v11n5>>. Acesso em: 06 novembro 2018.

NEULS, Janaina Souza. **Lições de Masculinidade – Aprendendo com A Turma do Didi**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

NICHOLSON, Linda; SOARES, Luiz Felipe Guimarães; COSTA, Claudia de Lima. Interpretando o Gênero. **Estudos feministas**, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

OLINTO, Maria Teresa Anselmo. Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo na epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 1, n. 2, p. 161-169, 1998. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/rbepid/1998.v1n2/161-169/pt>>. Acesso em: 15 agosto 2019.

OLIVEIRA, Fábio Sagula. **A Verdade está nas Mídias: A Fabricação do Real Infantil na Sociedade de Consumo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis, 2006.

OLIVEIRA, Jéssica Ribeiro *et al.* As Relações de Gênero nos Desenhos Animados Infantis – Por Trás dos Poderes: Uma Análise do Desenho “As Meninas Superpoderosas”. In: Mostra Científica Da Semana Pedagógica Do. **Anais**, Recife: Centro de Educação (CE) - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2017. P. 48-53. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistasemanapedagogica/issue/viewFile/2635/119#page=48>>. Acesso em: 06 dezembro 2018.

PAN, Miriam A. Graciano de Souza et al. Subjetividade: Um Diálogo Interdisciplinar. **Interação em Psicologia**, v. 15, n. Especial, p. 1-13, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/25365/16994>>. Acesso em: 15 agosto 2019.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Grafhia, 1999.

RAEL, Claudia Cordeiro. **A Mocinha Mudou para Melhor? Gênero e Sexualidade nos Desenhos da Disney**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz. História da Infância: Reflexões Acerca de Algumas Concepções Correntes. **Analecta**, Paraná, v. 3, n. 2, p. 51-63, 2002.

SALVADOR, Nayara Rios Cunha. A Influência Da Sociedade Multimidiática No Comportamento Infantil. **Saber Digital**, v. 7, n. 1, p. 11- 19, 2014. Disponível em: <<http://revistas.faa.edu.br/index.php/SaberDigital/article/view/398/305>>. Acesso em: 06 dezembro 2018.

SANTOS, Elziane do Socorro Marques; DUTRA, Renner Douglas Gonçalves; COSTA, Geissy dos Reis Cruz. As Crianças e suas Culturas: A Percepção de Gêneros, Significados Construídos a partir dos Desenhos Animados. In: VII Fórum internacional de Pedagogia – FIPEP. **Anais**, Campina Grande: Realize Editora, 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, p. 9-34, 2004.

SARTORI, Ari José; BRITTO, Néli. **Gênero na Educação: Espaço para a Diversidade**. 3. ed. Florianópolis: Gênesis, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade. In: Duarte, Newton (Org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, p. 21-45, 2004. Disponível em: <http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Biblioteca/76_SAVIANI_Dermeval_-_Perspectiva_marxiana_do_problema_da_subjetividade-intersubjetividade.pdf>. Acesso em: 15 agosto 2019.

SAYÃO, Deborah Thomé. A Construção de Identidades e Papéis de Gênero na Infância: Articulando Temas para Pensar o Trabalho Pedagógico da Educação Física na Educação Infantil. **Pensar a Prática**, v. 5, p. 1-14, 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/43/39>>. Acesso em: 27 novembro 2018.

SILVA, Flávia Gonçalves. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 1, n. 28, p. 169-195, 2009.

SILVA, Maria José Campos Faustino; COUTINHO, Karyne Dias. **Desenhos Animados em Ação: Personagens Compoem Identidades Infantis de Gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/24258/1/MariaJoseCamposFaustinoDaSilva_DISSERT.pdf>. Acesso em: 06 novembro 2018.

TOSIM, Karen Cristina Costa. **Os Desenhos Animados e a Construção da Identidade Social das Crianças**. In: Encontro da Educação Social, MARINGÁ/PR, 2017. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/educacaosocial/trabalhos/eixo_1/pdf/1.20.pdf>. Acesso em: 02 agosto 2019.

URRUTIA, Verônica. Gênero, identidade e espaço público. **Revista Gênero**, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/364>>. Acesso em: 06 novembro 2018.

VIDAL, Fernanda Fornari. Os “Novos Contos de Fadas” - Ensinando sobre Relações de Gênero e Sexualidade. **Fazendo Gênero**, v. 8, p. 1-9, 2008.

WAIMER, Mateus et al. Do Gênero à Identidade: Uma Revisão Teórica em Debate sobre Pessoas Transgênero. **Revista EM FOCO-Fundação Esperança/IESPES**, v. 2, n. 24, p. 70-82, 2016. Disponível em: <<http://revistaemfoco.iespes.edu.br/index.php/Foco/article/view/63/54>>. Acesso em: 03 agosto 2019.

ANEXOS

ANEXO A – CURRÍCULO LATTES

28/08/2019

Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Hellen Cristina Pereira Moraes)



Hellen Cristina Pereira Moraes

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/3800459275064362>ID Lattes: **3800459275064362**

Última atualização do currículo em 11/03/2019

Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. (Texto informado pelo autor)

Identificação

Nome	Hellen Cristina Pereira Moraes
Nome em citações bibliográficas	MORAES, H. C. P.; MORAES, HELLEN CRISTINA PEREIRA
Lattes ID	http://lattes.cnpq.br/3800459275064362

Endereço

Formação acadêmica/titulação

2015	Graduação em andamento em Psicologia. Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.
2012 - 2014	Ensino Médio (2º grau). E. E. E. F. M. Heitor Villa Lobos, HVL, Brasil.

Produções

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

Ordenar por

- SCHNEIDER, LUIZ FERNANDO ; MENZ, PÉRSIA REGINA ; BERGAMINI, GÉSSICA BORGES ; JONER, CRISTIELLI ; SAMUELSSON, EVELIN ; ROCHA, VICTOR HUGO COELHO ; **MORAES, HELLEN CRISTINA PEREIRA** . Primeiro emprego: o perfil do adolescente e o papel do psicólogo frente a esta nova etapa. REVISTA CIENTÍFICA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE, v. 8, p. 17-30, 2017.

Resumos expandidos publicados em anais de congressos

- MORAES, H. C. P.**; ROCHA, V. H. C. ; SILVA, S. F. ; AZEVEDO, E. A. A. . PATERNIDADE - APENAS UM TÍTULO OU A POSSIBILIDADE DE IDENTIDADE?. In: II Encontro Científico da Faema, 2016, Ariquemes/RO. Anais do II Encontro Científico FAEMA. Ariquemes/RO: Revista FAEMA - Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, 2016. v. 7, p. 1-375.
- MORAES, H. C. P.**; FERREIRA, S. K. A. ; ROCHA, V. H. C. ; MENDES, M. D. ; ARANTES, A. C. Y. . REMÉDIOS CASEIROS OU FITOTERAPIA: O QUE O PSICÓLOGO DEVE SABER?. In: II Encontro Científico da Faema, 2016, Ariquemes/RO. Anais do II Encontro Científico FAEMA. Ariquemes/RO: Revista FAEMA - Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, 2016. v. 7, p. 1-375.

3. ★ ROCHA, V. H. C. ; **MORAES, H. C. P.** ; SILVA, S. F. ; FERREIRA, S. K. A. ; NERY, D. ; ARANTES, A. C. Y. . O MECANISMO DE DEFESA DE IDENTIFICAÇÃO COM O AGRESSOR EM VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL INFANTIL. In: II Encontro Científico da Faema, 2016, Ariquemes/RO. Anais do II Encontro Científico FAEMA, 2016. v. 7. p. 1-375.
4. ★ ROCHA, V. H. C. ; **MORAES, H. C. P.** ; MORARI, M. H. ; SILVA, S. F. ; GOELLNER, M. B. . CO-DEPENDÊNCIA - O DESCONTROLE DO QUE SE PODE CONTROLAR E A TENTATIVA DE CONTROLAR O QUE NÃO TEM CONTROLE. In: I Encontro Científico da Faema, 2015, Ariquemes/RO. Anais do I Encontro Científico FAEMA. Ariquemes/RO: Revista FAEMA - Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, 2015. v. 6. p. 01-365.

Apresentações de Trabalho

1. **MORAES, H. C. P.**; ROCHA, V. H. C. ; BERGAMINI, G. B. ; SANTANA, L. C. . A CRIANÇA NO GRUPO DE PARES E O PROCESSO PELO QUAL AS CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS ENFRENTAM NAS RELAÇÕES QUE AS COMPÕEM. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
2. GAGO, B. ; TEIXEIRA, D. O. ; BERGAMINI, G. B. ; ROCHA, V. H. C. ; SANTANA, L. C. ; **MORAES, H. C. P.** . ESTRESSE OCUPACIONAL - OS DESAFIOS VIVIDOS PELO TRABALHADOR. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
3. ROCHA, V. H. C. ; **MORAES, H. C. P.** ; BERGAMINI, G. B. ; SANTANA, L. C. . EDUCAÇÃO INCLUSIVA ? INTERFACES ENTRE EDUCADOR FÍSICO E EDUCAÇÃO INFANTIL. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
4. ROCHA, V. H. C. ; **MORAES, H. C. P.** ; BERGAMINI, G. B. ; SANTANA, L. C. . PREJUÍZOS COGNITIVOS EM VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL COM TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS TRAUMÁTICO. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
5. SCHNEIDER, L. F. ; NORBERTO, D. ; BERGAMINI, G. B. ; ROCHA, V. H. C. ; SANTANA, L. C. ; **MORAES, H. C. P.** ; JONER, C. ; SANTANA, P. C. ; SAMUELSSON, E. . A FISIOTERAPIA PROMOVEDO CUIDADOS PALIATIVOS. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
6. **MORAES, H. C. P.**; ROCHA, V. H. C. ; BERGAMINI, G. B. ; SANTANA, L. C. . NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: TORNAR IGUAL AQUELE QUE DE FATO É IGUAL. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
7. **MORAES, H. C. P.**; ROCHA, V. H. C. ; BERGAMINI, G. B. ; SANTANA, L. C. . PSICOSSOMÁTICA: ESTRESSE E SOMATIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
8. JONER, C. ; LIMA, J. R. ; SANTANA, P. C. ; BERGAMINI, G. B. ; **MORAES, H. C. P.** ; ROCHA, V. H. C. ; SANTANA, L. C. ; SCHNEIDER, L. F. ; SAMUELSSON, E. . RECURSOS TERAPÊUTICOS UTILIZADOS PELO FARMACÊUTICO NA SAÚDE ESTÉTICA. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
9. **MORAES, H. C. P.**; ROCHA, V. H. C. ; BERGAMINI, G. B. ; SANTANA, L. C. . REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL E QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES COM TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO A LUZ DA TEORIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

ANEXO B – RESULTADO DA ANÁLISE DO PLÁGIO

25/10/2019


Resultado da análise

Resultado da análise


Arquivo: HELLEN CRISTINA PEREIRA MORAES.docx

Estatísticas

Suspeitas na Internet: 6,5%

Percentual do texto com expressões localizadas na internet 

Suspeitas confirmadas: 2,08%

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados 

Texto analisado: 94,65%

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: 100%

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Endereços mais relevantes encontrados:

Endereço (URL)	Ocorrências	Semelhança
http://makercommunity.info/blogs	10	0,09 %
http://www.notsovanilla.com/blogs	10	0 %
https://lovme.us/blogs	10	-
http://meetafghans.com/toprated_video.php	10	0 %
http://www.pharmabuse.com/links	10	0,09 %
http://butchfermematchmaker.com/latest_video.php	10	0,16 %

Texto analisado:

INTRODUÇÃO

As formas de ver a criança e a infância segundo Silva e Coutinho (2017) sofre mudanças ao longo do processo histórico, sendo construídas de acordo com o tempo histórico, com os aspectos culturais e o contexto de cada sociedade, ou seja, a forma de ver a infância ao longo do contexto histórico sofreu mudanças. Logo, essas crianças da contemporaneidade passaram por um processo de adaptação à vista das modificações, inclusive nos modos de se distrair, em que se pode afirmar que estão mais voltados para o uso de tecnologias e da mídia.

A infância é considerada uma faixa etária ou uma fase da vida, em que se passa por um processo de construção histórica e cultural. Nesta fase o sujeito está repleto de influências do meio em que está inserido, podendo citar grupos como: família, amigos, escola, igreja, Estado e também a mídia. Nesse meio o indivíduo começa a disseminar discurso, atribuir símbolos, determinadas atitudes e significados que conceber seu modo de ser (NETTO; BREI; PEREIRA, 2010). De acordo com Oliveira (2006) a criança é vista como um **indivíduo em construção e que no decorrer do tempo se desenvolve biológico e psicologicamente**.

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13690/2/DesenvolvimentoMotivosFormadores.pdf.txt> **Exibindo 1 de 1 referências encontradas:**

Ao abordarmos a infância é necessário compreender todo o contexto e as influências advindas do meio em que a criança está inserida, pensando nisso, Salvador (2014) postula que o meio de comunicação mais presente no cotidiano dos brasileiros é a televisão e o seu uso é tão contínuo que ocupa várias horas da vida destes. Esse meio de comunicação reproduz conteúdo que consideramos como verdades absolutas e que acabam influenciando nos modos das pessoas serem e estarem na sociedade. Em relação a isso a presente pesquisa pretende exatamente ressaltar os impactos da presença da mídia na infância.

Conforme Cezar, Pinheiro e Silveira (2017) percebe-se que a maioria das crianças se interessam muito pelos desenhos animados e isto está causando uma grande preocupação nos pais e educadores acerca de como as crianças estão recebendo como significação ao assistir seus desenhos favoritos e os impactos disso para a formação de seu caráter e visão de mundo.

Almeida, com este estudo, investigar a influência em que os desenhos animados exercem sobre as crianças e quais as consequências disso na construção do gênero. À vista disso, há carência de materiais acerca dessa temática específica, nesse sentido busca-se com esta pesquisa responder a tais questões.

<http://www.pharmabuse.com/links>
<http://makercommunity.info/blogs>
<https://www.cartoonistclub.com/blogs>
<https://www.sisterwives.com/blogs/list/browse-by-tag?tag=polygamy%20personals>

No entanto, será que os desenhos infantis realmente influenciam nas questões de gênero ou a maior influência advém de aspectos culturais já imbricados no meio em que a criança está inserida? Em relação a isso, pretendo investigar e sanar o déficit de matérias, fomentando futuros trabalhos científicos.

Os desenhos animados infantis influenciam na construção do gênero e desenvolvimento das crianças? Se a criança não for submetida a exposição de desenhos animados então ela sofrerá alguma influência? Os desenhos animados são saudáveis para o processo de construção do gênero, visto que esse é tão presente no cenário infantil? Tais questionamentos são apenas algumas inquietudes que se pretende sanar com o presente estudo.

Espera-se destacar se há ou não a influência dos desenhos animados na construção e desenvolvimento dos sujeitos, bem como correlacionar a **massificação em que a criança está exposta durante a infância por meio da mídia televisiva**. Também se pretende com esta pesquisa sanar a problemática apresentada, atingir todos os objetivos propostos anteriormente, bem como contribuir de forma científica, social, cultural e psicológica, e ainda fomentar futuros trabalhos envolvimento da temática.

<https://monografias.brasilescola.uol.com.br/historia/a-construcao-historica-sentimento-infancia.htm>

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica sua estrutura será dividida por capítulos acerca da temática proposta. No primeiro capítulo retrata o percurso histórico da infância destacando as formas como a infância era vista na antiguidade até a concepção que temos hoje em dia. No segundo capítulo será abordado conceitos como: sexo, gênero e identidade para que possa ser discorrido e que haja uma compreensão sobre a construção da subjetividade infantil. No terceiro capítulo será destacado a forma como a mídia exerce influência na construção do gênero e suas implicações na subjetividade infantil. E por fim, no quarto e capítulo será abordado a análise de alguns desenhos animados em relação as questões de gênero, tais que influenciam na construção da identidade e da subjetividade da criança.

<https://monografias.brasilescola.uol.com.br/historia/a-construcao-historica-sentimento-infancia.htm>